



Por uma economia mais abrangente

A economista inglesa Kate Raworth detalha, nessa entrevista exclusiva concedida à *Rumos* quando esteve no Brasil para divulgar seu livro, o seu olhar sobre o desenvolvimento das nações a partir da imagem de uma rosquinha (*donut*). Temas colaterais à leitura ortodoxa da economia ganham destaque no que a autora chama de modelo regenerativo e distributivo. **POR ANDREJ SLIVNIK E THAIS SENA SCHETTINO. COLABOROU FLÁVIA MORAES.**

RUMOS – Como países que ainda precisam incluir um grande contingente de pessoas que estão à margem do desenvolvimento – ou, utilizando a sua imagem, trazer as pessoas que estão fora da rosquinha, no centro, para dentro dela – podem prescindir do crescimento acelerado ou da “meta do PIB”?

KATE RAWORTH – Gosto de desafiar o conceito de desenvolvimento porque a relação que existe entre países de alta renda e os de média e baixa renda pode ser muito condescendente. Acredito que esse pensamento precisa acabar. Com as novas possibilidades tecnológicas e de organização, os países de média e baixa renda estão às vezes muito na frente em relação à inovação e ao fato de abraçarem novas

tecnologias do que os de alta renda. Então temos que desfazer essa ideia de que existem os antigos e mais sábios, aqueles que conseguiram e aqueles que precisam aprender. Isso acabou.

Por exemplo, o Brasil é o país que gera a energia solar mais barata do mundo no momento. Está na frente. Os países de baixa renda que usam celular, ultrapassando o telefone fixo, o uso de novas tecnologias, o uso do pagamento pelo celular no Quênia. Eles estão na frente. Quem é desenvolvido, quem está em desenvolvimento? Quem segue quem? Essa é a nova pergunta.

RUMOS – Como a senhora chegou a se interessar pelos temas que estão na “margem das teorias neoclássicas da economia”, como a complexidade institucional?

RAWORTH – Eu era adolescente nos anos 1980. Cresci em Londres e aprendi o que sabia de mundo por meio dos jornais de televisão. Naquela época, a Etiópia estava numa crise de fome. Para qualquer pessoa que estivesse viva naquela década, foi um acontecimento central, algo muito chocante. Os músicos do mundo se organizaram para ajudar. Isso me afetou profundamente. Lembro também de ver nos jornais o buraco na camada de ozônio. Vi que os cientistas tinham descoberto algo que chamavam de efeito estufa, estavam explicando isso pela primeira vez. Essas eram as questões da minha geração.

Quando tinha 18 anos, quis fazer algo para ajudar. Então pensei que, se fizesse faculdade e aprendesse a língua-mãe da política pública, a língua na qual se faz negócios, que é a economia, eu poderia ajudar nessas questões. Mas, quando fiz faculdade, fiquei muito frustrada porque esses temas que eram os mais importantes para mim, como a justiça social e a integridade do meio ambiente, estavam à margem do currículo. Se você estudava economia, falar do colapso de qualquer sistema vivo era uma “externalidade ambiental”. Então fiquei muito frustrada e desiludida com a teoria que estava aprendendo, com a profissão na qual eu estava me integrando. Depois de fazer um mestrado, fui embora e mergulhei na economia do mundo real. Passei três anos em Zanzibar, trabalhando com empreendedores nos vilarejos. Depois, fiquei quatro anos envolvida no Relatório de Desenvolvimento Humano na Organização das Nações Unidas (ONU). Foi uma mudança de pensamento muito importante. Passei mais de uma década trabalhando na Oxfam [confederação que atua em mais de 90 países na busca de soluções para o problema da pobreza, da desigualdade e da injustiça].

Após essas experiências, fui mãe de gêmeos e mergulhei na economia doméstica. O trabalho não

remunerado de cuidado das mulheres se tornou muito real para mim. Depois houve a crise financeira de 2008. De repente todos no mundo estavam se perguntando o que havia de errado na economia e como os economistas não tinham previsto a crise. Também se dizia que precisávamos reescrever a economia para refletir melhor as crises financeiras. E pensei: “Só? Só precisamos reescrever a economia

para refletir crises financeiras? Temos uma crise ecológica, mudanças climáticas, uma crise social de desigualdades extremas no mundo...”. Foi quando pensei que queria fazer parte da reescrita da economia.

Então voltei para os livros que quase tinha jogado fora, analisei as imagens que me mostraram quando eu era aluna e percebi que havia uma visão de mundo muito forte representada nesses diagramas de oferta e demanda, no personagem do homem econômico. Fiquei com raiva por só ter percebido naquele momento a visão de mundo estreita que haviam me

ensinado. Isso se somou à força de uma nova imagem e às conversas que foram abertas, incentivando as pessoas a me fazerem perguntas. Foi quando pensei que estava na hora de abordar a economia neoclássica por meio das imagens, expondo as ideias profundas por trás de cada imagem e depois substituí-las com ideias novas que se encaixem no século 21. Foi isso que me fez falar de economia feminista, economia ecológica, da complexidade e do comportamento institucional. Todas essas teorias que, além de nunca terem me ensinado, nunca me contaram que existiam. Nunca mencionaram que havia outro tipo de economia. Quando li sobre elas, fizeram muito sentido e quis colocá-las no mesmo patamar.

RUMOS – A senhora fala de algumas cidades que já estão trabalhando no modelo regenerativo e distributivo. É possível fazê-lo funcionar em escala global?

RAWORTH – A maneira de fazer disso um movimento global, de acordo com o meu instinto, é começar de baixo para cima. Escrevi um livro que sei que foi lido por políticos de alto nível e líderes de pensamento, o que é ótimo. Assim, começamos a influenciar a mentalidade de maior nível da comunidade de pensamento internacional, mas acredito que as pessoas são mais tocadas e convencidas por práticas, ao

Os financiamentos são cruciais para orientar a direção e para garantir que os investimentos sejam feitos para estar a serviço do progresso das pessoas e do planeta. As finanças do século 20 ficaram muito a serviço delas mesmas.

verem as ações. Quando diz-se que algo é impossível, posso mostrar que está acontecendo em algum lugar, pelo poder do exemplo positivo. Vejo uma rivalidade positiva entre as cidades que querem ser as primeiras a fazer algo, estar na vanguarda. Vamos usar isso. A minha estratégia, depois de publicar o livro e fazer vídeos que podem ser assistidos por qualquer pessoa, em várias línguas, é trabalhar com cidades, negócios, comunidades e professores que dizem que querem liderar isso.

O *design* regenerativo e distributivo está emergindo no mundo todo simultaneamente. Mas, ao mesmo tempo, é complicado porque está emergindo numa economia linear e degenerativa, que busca centralizar os rendimentos da atividade econômica, em vez de distribuí-los. Contudo está emergindo, apesar de o incentivo existir na direção oposta. A força é deixar isso visível e forte o suficiente para que as pessoas de um país se identifiquem e advoguem em favor disso. Não acho que a liderança política vai prever, eles vão seguir esse caminho quando virem uma massa essencial da população apoiando, assim vai haver um eleitorado para ser representado. Essa é a minha estratégia, com base no que acredito, vamos ver se está certa.

RUMOS – O Brasil conta com Instituições Financeiras de Desenvolvimento que apoiam projetos de longo prazo. De que forma essas instituições, que atuam no presente financiando projetos futuros, podem contribuir para criar a sustentabilidade no círculo da *donut*?

RAWORTH – Elas são importantes. Os financiamentos são cruciais para orientar a direção e para garantir que os investimentos sejam feitos para estar a serviço do progresso das pessoas e do planeta. As finanças do século 20 ficaram muito a serviço delas mesmas. Penso no sistema financeiro internacional, que com esse pensamento culminou na crise financeira. Está na hora de reconhecer que as finanças são um “modelo”. Nós criamos os modelos. Não existe nada de natural nem de imutável na maneira com que o dinheiro é projetado e como os bancos funcionam. É um modelo. É uma construção que alguém em algum momento escolheu e tem consequências. Nós podemos remodelar. É por isso que estou tão feliz de estar com vocês, porque os bancos de desenvolvimento têm o propósito declarado no próprio nome; eles não existem apenas para estimular retornos financeiros, que é o que os bancos comerciais fazem. É outro propósito, as finanças ficam a serviço do desenvolvimento. Bancos cooperativos colocam as finanças a serviço do interesse dos membros. Quando as finanças se juntam a um propósito, começamos a criar um modelo de finanças que se encaixa.

Donut



A essência do *donut*, conforme explica a própria autora na apresentação do livro: “Dentro do anel interno – o alicerce social – estão as privações humanas críticas, como fome e analfabetismo. Fora do anel externo – o teto ecológico – está a degradação planetária crítica, como as mudanças climáticas e a perda da biodiversidade. Entre os dois anéis está a rosquinha, o *donut* em si, o espaço no qual podemos atender às necessidades de todos contando com os meios do planeta”.

Abaixo, a versão completa do diagrama:

